

Solvência do país melhora com crescimento e inflação

De São Paulo

30 AGO 2004

O crescimento da economia e a inflação são os principais fatores por trás da forte redução da dívida pública como proporção do Produto Interno Bruto (PIB) neste ano. Esse indicador recuou de 58,7% para 55,3% do PIB entre dezembro de 2003 e julho passado, fazendo o mais importante indicador de solvência do setor público melhorar de patamar de uma forma consistente.

Segundo dados do Banco Central, divulgados na sexta-feira, o crescimento nominal da economia provocou uma queda de 5,3 pontos percentuais na relação entre dívida líquida do setor público e o PIB. É uma contribuição bem expressiva. Ela supera, até mesmo, o peso do superávit primário, que provocou uma redução de 3,1 pontos percentuais nesta relação.

Por trás do efeito-PIB sobre o endividamento há um componente nobre — o crescimento real da economia, com aumento de vendas e de emprego formal —, mas há também uma ajuda da inflação. Quanto maior o deflator, maior o PIB nominal.

O BC não explicita nas suas estatísticas a contribuição de cada um desses dois fatores, mas há indícios de que a inflação vem tendo um papel relevante no aumento do PIB. De dezembro de 2003 a julho passado, o PIB no-

nominal cresceu 9,92%, passando de R\$ 1,554 trilhão para R\$ 1,709 trilhão.

Nessa variação está contabilizada a parcela relativa ao crescimento real projetado pelo Banco Central para este ano, que é de 3,5%. Mas há, também, a atualização monetária, que usa uma média das projeções do IGP-DI.

Com a pressão nos preços do atacado — com peso de 60% nesse índice calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) —, o IGP-DI vem registrando percentuais elevados e acima do esperado. No ano, sua variação acumulada já está em 8,11%.

O principal fator que atuou na direção contrária — pressionando o débito — foi a apropriação dos juros nominais sobre a dívida pública. Neste ano, seu efeito negativo foi de 4,2 pontos percentuais.

A alta da cotação do dólar teve um impacto de 0,7 ponto percentual sobre a dívida.

Um componente que está se saindo melhor do que o esperado são os “esqueletos” — ou seja, o reconhecimento de compromissos que não estavam na contabilidade da dívida. Até agora, eles tiveram impacto zero.

“Nossa estimativa para o ano é que os esqueletos tenham um impacto de 0,6 ponto percentual sobre a dívida”, afirmou o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes.(AR)

VALOR ECONÔMICO